

# ACM, Jader e Arruda buscam redenção nas urnas

Dida Sampaio/AE

*Com direitos políticos garantidos pela renúncia, eles articulam, mas não dizem que cargo disputarão*

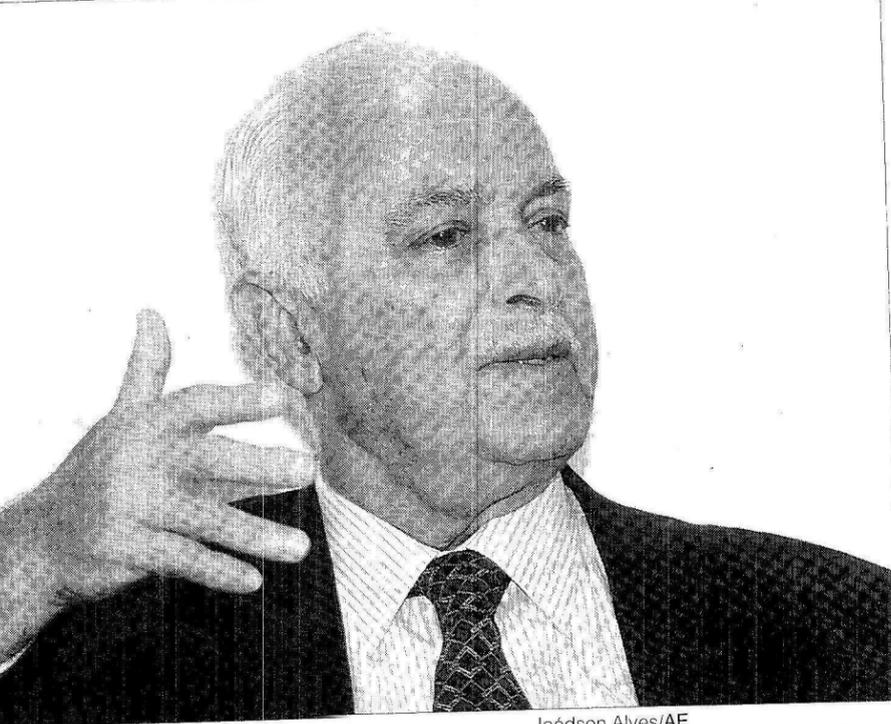
**B**RASÍLIA – Depois de deixarem o Senado neste ano pela porta dos fundos, num rastro de escândalos, mentiras e trocas de acusações, os ex-senadores Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), Jader Barbalho (PMDB-PA) e José Roberto Arruda (PFL-DF) preparam o retorno à vida pública nas eleições de 2002. Sem mandato, mas imersos em articulações políticas, os três apostam na redenção pelas urnas. Foi pensando nisso que optaram por renunciar ao mandato, escapando assim da cassação e da conseqüente perda dos direitos políticos.

Desde a renúncia – por causa da violação do painel de votação do Senado –, ACM começou sua campanha eleitoral na Bahia. Seja em viagens a municípios do interior nos fins de semana, em audiências que concede a líderes políticos no seu escritório, em Salvador, ou participando de inaugurações de obras do governo estadual, o ex-presidente do Senado continua respirando política 24 horas por dia. Ele não perdeu o hábito de esconder o jogo.

“Por mim, me candidataria a uma cadeira do Senado, mas a pressão dos correligionários e amigos para que dispute o governo do Estado está muito grande”, diz o ex-senador baiano, deixando a dúvida no ar. Quando anunciará a decisão? “Ainda é muito cedo, deixa passar o carnaval”, responde. O objetivo é claro: esperar que todos os partidos opositoristas definam os candidatos à sucessão estadual.

**Xadrez** – Assim como ACM, Jader Barbalho também não antecipa o cargo a que pretende concorrer em 2002. O destino político do peemedebista virou um jogo de xadrez, atrelado a uma briga estadual, entre o vice-governador do Pará, Hildegardo Nunes (PTB), e o governador Almir Gabriel (PSDB). O vice quer suceder Gabriel, mas o governador trabalha para eleger seu atual secretário de Produção, Simão Jatene.

Se Hildegardo continuar insistindo em se lançar candidato, Jader deverá fazer dobradinha com o vice, tentando voltar ao Senado. Mas não está descar-



Joédson Alves/AE

*ACM: “Por mim, me candidataria a uma cadeira no Senado, mas a pressão dos amigos para que eu dispute o governo do Estado está muito grande”*



*Arruda (com Jader) é a imagem da desilusão: “Não sei se vale a pena voltar”*

tada a hipótese de Jader concorrer a governador, com o apoio de Hildegardo, que então disputaria uma vaga como senador.

“Minha decisão só será tomada no ano que vem. Até lá, estarei viajando pelo Pará e ouvindo os companheiros do PMDB”, esquiva-se Jader. Ele evita entrar na briga entre Hildegardo e Almir, mas defende o vice e aliado: “É um político com muitas chances em 2002.”

Ao mesmo tempo em que articula seu futuro político, Jader não tira o olho das ações judiciais em que é réu, acusado de corrupção. Pesam contra o ex-presidente do Senado ações e inquéritos pelo desvio de recursos do Banco do Estado do Pará (Banpará) e fraudes na extinta Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam).

Desde que renunciou para escapar da cassação, ele viu o enfraquecimento do PMDB no Pará. Na última eleição municipal, o partido elegeu 37 dos 142 prefeitos paraenses. Mas, após a renúncia, os redutos eleitorais peemedebistas passaram a sofrer um forte as-

sédio do governo tucano de Almir Gabriel. Por conta disso, Jader perdeu o controle de 12 prefeituras.

**Futebol** – Dos três ex-senadores, o que aparenta ter sentido maior desgaste com o afastamento é Arruda, ex-líder do governo e nome cotadíssimo, no início do ano, para concorrer ao governo do Distrito Federal.

Ao admitir seu envolvimento na violação do painel do Senado – após a votação que cassou, em junho de 2000, o mandato de outro senador, o empresário Luiz Estevão –, Arruda virou a imagem da desilusão.

“Não sei se vale a pena vol-

tar”, diz, evitando falar na possível candidatura a deputado federal. O ex-senador voltou a trabalhar na Companhia Energética de Brasília, empresa da qual já foi presidente e onde agora é assessor.

Arruda filiou-se ao PFL, mantém um escritório político e recentemente acompanhou o governador de Goiás, Marconi Perillo (PSDB), num périplo por municípios do entorno de Brasília, discursando e sendo saudado com faixas e bandeiras. “Ele errou e vai ser julgado pelas urnas”, afirma Perillo, que abriu o palanque para o ex-líder do governo.

Indiretamente responsável pela renúncia de ACM e Arruda, o ex-senador Luiz Estevão perdeu o mandato e os direitos políticos por 14 anos, mas não a empáfia. Ele critica os ex-colegas por terem renunciado em vez de enfrentar o processo de cassação. E afirma que tentará recuperar seus direitos políticos, tão logo saia o resultado do processo em que é acusado de participação no desvio de R\$ 196,7 milhões da obra do Fórum Trabalhista de São Paulo. O ex-senador aposta que será inocentado na Justiça e sustenta que sua cassação foi irregular.

No último ano, Estevão passou a figurar nas páginas de esportes dos jornais, desde que fundou o Brasiliense, time de futebol que disputa a terceira divisão do Campeonato Brasileiro. Outro investimento esportivo foi trazer para o Distrito Federal a disputa de 12 jogos da Copa Mercosul e do Campeonato Brasileiro. “Sempre fui ligado ao futebol. Desde que perdi o mandato, passei a ter mais tempo”, diz Estevão, que sonha em concorrer a governador do DF. **(Biaggio Talento, Demétrio Weber e Carlos Mendes, especial para o Estado)**

**E**STEVÃO  
CRITICA OS  
EX-COLEGAS  
POR NÃO  
TEREM  
ENFRENTADO  
A CASSAÇÃO